

A VIDA COMO OBRA
NOTAS SOBRE ROGÉRIO FERNANDES

Há uma constante no seu trabalho de investigação —uma quase obsessão— que dá pelo nome de imperativo de cidadania e que determina uma prática social à altura da dignidade humana, onde a pessoa se define como um fim em si mesma e não como um recurso².

Ao evocar-se um autor fala-se por vezes de uma ou algumas das suas obras como que resumindo o clímax do seu pensamento ou do conjunto dos seus trabalhos. Também assim o poderíamos fazer ao lembrar Rogério Fernandes, não escasseando para o efeito escritos vários. Mais raro é falar-se de alguém cuja vida em si mesma pode ser vista como uma obra. Rogério Fernandes é um desses casos. A sua vida sintetiza as dificuldades, as lutas, as esperanças, os projectos, as realizações e os desalentos de um país à procura de rumo, que vencendo uma lúgubre ditadura construiu uma democracia, que se procurava plena, participativa e educadora.

Por circunstâncias e tibiezas várias encontramos-nos hoje em sociedades onde a democracia está empobrecida de utopias, de soluções humanistas, eivada de neo-liberalismo, onde a educação tende a perder lugar. Por isso, lembrar Rogério Fernandes é uma oportunidade para actualizar as lutas em prol de uma educação para todos e de qualidade, informadas por um conhecimento histórico que nos muna de capacidade crítica para se construir as utopias necessárias ao futuro.

A vida de Rogério Fernandes ficará indelevelmente ligada à luta pela liberdade e democracia em Portugal, por uma educação de base de qualidade para todas as crianças do nosso país e por um esforço de conhecimento da nossa realidade educativa. Porque fez da educação a sua bandeira será em torno dela que articularemos aqui diferentes momentos, experiências e trabalhos que realizou ao longo da vida.

¹ STEINER, G.: *Lecciones de los Maestros*, Madrid, Siruela, 2004.

² IN MATOS, Manuel: *Revista A Página da Educação*, n.º 189.

Rogério Fernandes foi aluno da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre 1950-1955, onde se licenciou em Ciências Histórico-Filosóficas. Aí se revelou não apenas como estudante brilhante mas também como activista no movimento estudantil, tendo sido eleito para a pró-associação académica.

1.º Momento

Após a conclusão da Licenciatura cumpriu o serviço militar e leccionou, como professor eventual no Ensino Técnico (Escola Comercial Veiga Beirão) e no Ensino Secundário particular. Foi convidado para 2.º Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, e aí exerceu como professor e investigador (1957), tendo pedido a rescisão do contracto, por livre iniciativa, em 1960. Ingressou no jornalismo, actividade que desenvolveu ao longo da década de 60 e que exigia, então, particular coragem cívica e imaginação para resistir à censura permanente.

A revista *Seara Nova* (1960-1967), de que foi redactor, director-adjunto e Director foi o seu campo de inserção no jornalismo cultural e na resistência política, tendo aí revelado as suas capacidades de organização e mobilização de grupos de jovens universitários, no dizer de Margarida Losa, actuando sempre com grande independência de pensamento. É dessa época a participação no II Congresso Republicano de Aveiro (1962) com a comunicação *A Batalha Socialista pela Democratização do Ensino*, que assinala a linha de rumo que irá trilhar na sua vida como jornalista, cidadão e historiador.

Trabalhou como profissional da imprensa no jornal diário *A Capital* (1967-1970), de que foi Chefe de Redacção, Redactor Principal e onde organizou e coordenou a Secção de Educação, tendo escrito sobre os mais diversos temas da educação ao longo desses anos. No seu espólio encontramos bem documentada a actividade da censura prévias aos seus artigos.

Foi colaborador no jornal *República* e em revistas como a *Vértice*; *Colóquio*, *Educação e Sociedade* – 1.ª Série; assessor literário da Editora Livros do Brasil e Secretário da Direcção do Grémio de Editores e Livreiros. Entre 1960 e 1974 teve uma intensa actividade como crítico, ensaísta, tradutor, jornalista e investigador. Simultaneamente escreve poesia, alguma publicada e o conto *Três tiros e uma mortalha* (1969). Dirá dele o crítico literário João Gaspar Simões: «Um escritor feito, seguro na prosa e penetrante na observação da realidade portuguesa»³.

São desta década os estudos *Ensaio sobre a obra de Trindade Coelho* (1961), *Ensino: sector em crise* (1967); *Para a história dos meios audiovisuais na escola portuguesa* (1969).

2.º Momento

Na década de 1970 foi bolseiro do Departamento de Pedagogia do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo trabalhado com Rui Grácio, Alberto Ferreira e Salvado Sampaio, tendo mesmo substituído o primeiro na direcção do Centro a quando da estadia de Rui Grácio em França.

Entre 1972 e 1974 leccionou em instituições privadas em Lisboa como o Instituto Superior de Serviço Social, o Instituto de Psicologia Aplicada e a Escola Técnica de Enfermagem do Instituto de Oncologia.

Ao nível da investigação histórica são dessa época as obras *João de Barros – Educador Republicano* (1971); *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto* (1972); *Situação da Educação em Portugal* (1973); *As ideias pedagógicas de Francisco Adolfo Coelho* (1973). Neste momento que antecede a Revolução de 25 de Abril de 1974, uma vez mais faz coincidir a investigação histórica com a análise da situação educativa do país, anunciando o que viria a ser a sua intervenção política em democracia.

³ Cf. Catálogo da exposição *Vida e obra de Rogério Fernandes* (1933-2010).

3.º Momento

Ingressou no Partido Comunista Português após o 25 de Abril. Entre 1974-1976 exerceu o cargo de Director Geral do Ensino Básico a convite do Ministro do 2.º Governo Provisório, Vitorino Magalhães Godinho. Foi exonerado do cargo pelo Ministro da Educação, Souto Maior Cardia, por motivos políticos.

A passagem de Rogério Fernandes pela Direcção do Ensino Básico ficou assinalada pela tomada de decisões do maior alcance para a educação de base. Ao nível pré-escolar instituiu a formação de Educadoras de Infância nas Escolas do Magistério Primário e deu início à criação de uma rede pública de educação pré-escolar, com a integração dos estabelecimentos existentes e dispersos por vários ministérios. Ao nível do ensino primário acabou com a docência por regentes escolares, herdada da Ditadura; reestruturou a formação de professores das Escolas do Magistério Primário ao nível das condições de acesso, duração dos cursos e currículos e promoveu a formação dos 40.000 professores do sector. Reequipou bibliotecas escolares em 15000 escolas do Ensino Básico e pôs termo à docência em regime triplo nas escolas. Os professores e professoras viram os seus salários aumentados e as escolas passaram a providenciar uma refeição por dia às crianças. Sem ter a pretensão de em poucas palavras procurar abarcar esses dois anos explosivos de transformação do sistema de ensino salazarista para um ensino democrático, salientaremos, de entre várias outras, apenas quatro medidas emblemáticas da sua acção: a criação de um currículo estruturado em fases, em substituição da organização por classes; a elaboração de novos programas; criação dos serviços de Educação Especial e de Psicologia e Orientação Pedagógica; reorganização dos serviços de inspecção.

Em toda esta acção foi acompanhado por amigos de longa data, como Salvado Sampaio, batendo-se pela melhoria concreta da educação portuguesa, deixando dessa época uma análise crítica em *Educação: uma frente de luta* (1977) e em escritos que permanecem inéditos.

4.º Momento

A saída de Director Geral configurou uma situação de «saneamento político», tendo-lhe sido atribuído o cargo de Inspector Geral da Junta Nacional de Educação e mais tarde da Inspeção Geral de Ensino, sem funções atribuídas no quadro das competências desses organismos. Pessoa de grande resistência psicológica e ética soube tirar partido dessa situação dedicando-se à investigação e à escrita: *Aspectos do ensino na República Democrática Alemã* (1977), *D. Duarte e a educação senhorial* (1977), *O pensamento pedagógico em Portugal* (1978), *A pedagogia portuguesa contemporânea* (1979). Aceitou então o convite da Faculdade de Ciências para leccionar História e Filosofia da Educação, função que desempenhará gratuitamente entre 1978-1990, regressando à Universidade de Lisboa, que abandonara em 1960. Aí leccionará entre 1978-1993, guardando desse período boas recordações. Será nesta conjuntura que escreve e defende a sua tese de doutoramento: *O ensino das primeiras letras em Portugal (1800-1820)*, em 1987, que deu origem ao livro *Os Caminhos do ABC: Sociedade Portuguesa e ensino de primeiras letras* (1994), tendo sido nomeado como prof. auxiliar convidado da Faculdade de Ciências em 1990. Deste período registamos pelo menos mais três livros publicados e numerosos artigos em revistas nacionais e estrangeiras. Foi ainda director da revista *O Professor*, que publica proximamente o seu centésimo número. A ele se deve também a organização do 1.º Encontro Nacional de História da Educação, Gulbenkian, 1987.

Continuou a sua actividade política, tendo sido sócio fundador da Associação Portuguesa de Escritores e secretário da primeira direcção; representante do Partido Comunista no Conselho Nacional de Educação entre 1988-1990 e vice-presidente do Conselho Nacional de Alfabetização e de Educação de Base de Adultos, no âmbito da Assembleia da República. Foi eleito deputado do PCP à Assembleia da República.

5.º *Momento*

Em 1994 concorre a Prof. Associado da FPCE-UL, onde veio a ser Prof. Catedrático. Foi membro do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa e sócio-fundador e Presidente do Instituto Irene Lisboa assim como foi também um dos promotores da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Coordenador da Secção de História da Educação, da mesma Sociedade.

Fez parte de comissões editoriais das revistas *Inovação*, *O Professor*, *Revista Brasileira de História da Educação*, entre outras.

Manteve com a Fundação Calouste Gulbenkian uma regular colaboração, tendo coordenado equipas que se deslocaram a Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique (1994). A convite do Instituto Nacional de Administração participou como docente no «Projecto Macau», 1996. Foi ainda Prof. visitante em várias Universidades públicas e privadas Brasileiras, a ele se deve a aproximação e a colaboração que hoje a comunidade portuguesa de historiadores da educação desenvolve com o Brasil e a realização dos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação, de que organizou o 1.º, na Gulbenkian em 1996. Deu sempre todo o seu apoio à organização dos Congressos que se realizaram em Portugal. Foi consultor do Projecto «Para uma história Social do Professorado Primário Oficial Português» e coordenador científico do projecto «Para um Museu Vivo da Escola Primária», ambos da minha autoria e ambos financiados.

Desta fase final é impossível listar aqui as dezenas de artigos, capítulos de livros e livros em que participa quer como autor quer como organizador de obras colectivas, retomando temas antigos e lançando outros ainda inexplorados. Uma parte da sua obra dispersa encontra-se coligida em ROGÉRIO FERNANDES. *Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re)pensar a Educação* (2004), quando historiadores portugueses e brasileiros reunidos no 5.º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação o homenagearam.

Das suas últimas preocupações salientamos a vontade em organizar equipas de trabalho, promover a investigação e os contactos a nível internacional, de que a Rede SPICAE é mais um exemplo. O Presidente da República, sua Ex.ª Dr. Jorge Sampaio, confirmando o reconhecimento público da sua obra em prol da Educação e da Democracia, agraciou-o em 2002 com a *Grã Cruz da Ordem da Instrução*. Jubilou-se em 2003.

6.º *Momento*

No momento da sua reforma Rogério Fernandes estava cheio de projectos. Acalentava ter tempo para visitar autores e temas de literatura, escrever e aprofundar trabalhos antigos, alargando a compreensão com elementos novos que encontrara ou com novas abordagens. Porém, foi solicitado por mil tarefas, a que a sua generosidade dificilmente diria não. Prosseguiu a sua actividade como investigador orientando trabalhos, recebendo bolsiros, participando em projectos de investigação, dando aulas na Universidade Lusófona, cursos de pós-graduação na Universidade Católica de Lisboa e na Universidade do Algarve, colaborando no Mestrado de Educação e Herança Cultural por mim organizado na FPCE da Universidade do Porto e continuando a escrever História da Educação. Em 2009 vira financiado pela FCT um projecto sobre a história do movimento sindical dos professores, na Universidade Lusófona.

Destacamos deste período a organização das seguintes obras: *Para a compreensão histórica da infância*, com Alberto Lopes e Luciano Mendes de Faria Filho (2006), *Infantia et Puericia*, com Luís Vidigal (2006), *O Tempo na Escola*, com Ana Chrystina Venâncio Mignhot (2008). Continuou a publicar textos em Portugal, Espanha e Brasil, de que referencio apenas os do último ano, que de algum modo sintetizam os temas que lhe eram mais caros: «O Município e a Instrução em Portugal no século XIX» (Sesimbra, 2009), «Pedagogia e Educação.

Uma revisitação do ideário educacional de Bernardino Machado» (Famalicao, 2009), «A História da Educação e o seu Ensino» (Uberlândia, 2009), «Uma experiência de preservação do património escolar» (Rio de Janeiro, CHIELA, 2009), «Um marco no território da criança: o caderno escolar» (Rio de Janeiro, 2008). Com uma sólida cultura humanista, cada vez mais rara, abarcou todos os períodos históricos da educação portuguesa, da alta Idade Média ao tempo presente. Dando provas de grande generosidade, procurou nos últimos anos ainda mais o trabalho colectivo, o apoio a quem o procurava, em prejuízo dos seus próprios projectos de investigação.

Não me poderei deter na caracterização teórica da sua obra historiográfica, que cruza a tradição da escola historiográfica francesa dos Anales, da história cultural com a perspectiva marxista e da história social, como foi praticada em Portugal por Joel Serão, Luís de Albuquerque, seus mestres. Direi apenas que os seus trabalhos são exemplos do rigor da demonstração, assente na prova e baseada na análise detalhada dos testemunhos. Em Rogério Fernandes a teoria confronta-se com a realidade ou elabora-se a partir dela; não se lhe impõe, não a distorce nem a aprisiona.

Do trabalho conjunto de cerca de 16 anos que comigo manteve como orientador, consultor, coordenador de projectos, na organização de livros e encontros e de escrita de artigos, permanecem vivas as suas qualidades pessoais onde prevalecia uma oralidade expressiva, por vezes provocadora, acompanhado por um fino e acutilante sentido de humor. Na sua expressão havia um quê da tradição oral, do contador de histórias que captava e encantava o interlocutor. A sua bonomia e generosidade e o seu jeito de nos provocar brincando tornavam as suas posições mais sedutoras e desbloqueadoras de monolitismos conceptuais ou de divergências organizacionais.

A morte surpreendeu-o em plena actividade. O espírito lúcido, a curiosidade enorme, a mesma interrogação perante a sociedade, a mesma capacidade de organizar, a vontade de escrever e comunicar o conhecimento que construía. De opositor à Ditadura, a jornalista, homem de letras e historiador que sempre foi, Rogério Fernandes deixou-nos uma extensa obra, cívica, política e historiográfica que espelha, de certo modo, estas múltiplas facetas da sua vida. Em todas elas assumiu desassombadamente os seus pontos de vista, lutou por eles e pelo sonho que perseguia. Sempre com enorme lucidez e espírito crítico. Como já afirmei noutras ocasiões, dele podemos dizer que não se deixou definir pelos lugares e filiações que manteve, actuando sempre com grande independência de pensamento, sem se intimidar por qualquer tipo de autoridade. A crítica metódica a que submetia a realidade levava-o a expressar as suas ideias sem no entanto se fechar à argumentação dos que de si discordavam. Pelo contrário, gostava de interagir com a opinião dos outros, de apreciar a consistência dos argumentos, de partilhar informações. Tendo vivido num tempo em que a propaganda procurava submeter o discurso histórico procurou o rigor, a prova, a demonstração tanto na investigação como noutros contextos da sua intervenção. Em ambas está presente a sua preocupação com a sociedade em que viveu, o compromisso entre o agir - pensado e o conhecer para um agir informado, ao serviço e no respeito pelas pessoas. Penso ser este o dom da sua vida, em que a produção histórica da educação é apenas um dos aspectos relevantes e, como todos os outros, exemplar.

O Professor Rogério Fernandes deu-me a honra de me considerar sua discípula e a família reiterou-a ao doar-me a sua biblioteca pessoal. Perante a riqueza da sua vida e do seu espólio decidi oferecê-la à Universidade do Porto, para disponibilizá-la ao público quer por consulta presencial quer de forma virtual, acessível em formato digital na Web. Esperamos que ela possa ser motivo e motivadora de vários estudos e projectos. Tudo faremos para que isso aconteça.

Porto Abril de 2011

MARGARIDA LOURO FELGUEIRAS